

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Clássicos de Coimbra. Com uma capa que, na sobriedade habitual do seu Autor, reproduz um vaso grego cuja figura nos sugere logo a natureza da arte poética através da representação de um Alceu que canta perante uma Safo agradavelmente atenta, de acordo com a lenda amorosa que envolveu os dois poetas, o presente volume assume, ele também, a função, quase, de um símbolo: o de que ao Poeta cabe ser o intérprete da palavra da Musa, como se lê no último fragmento de Píndaro aqui transcrito. O poeta decifra e publica a palavra divina, dirigida ao futuro: a *προφητεία*. Uma longa história da concepção da Poesia se anuncia, dentro de uma filosofia da Literatura que, através de Platão, chegará ao Renascimento e aos nossos dias. Oxalá que também este livro profetizasse um futuro digno para a atenção que, da parte das autoridades ministeriais, deverão merecer os Estudos Clássicos em Portugal.

JORGE ALVES OSÓRIO

MARIO BONARIA, «Appunti per uno studio sui rapporti dell'esametro delle **Georgiche** virgiliane con l'esametro ellenistico» in *Atti del convegno Virgiliano sul bimillenario delle Georgiche*, Napoli, Istituto Universitario Orientale, 1977, pp. 179-202.

Descobrir afinidades entre a obra de Virgílio e a produção poética grega, desde Homero aos escritores helenísticos, tem sido o objectivo de muitos estudos que se contam entre a imensa bibliografia virgiliana. Comprova-o, só para o nosso século, a obra em dois volumes de G. Mambelli, *Gli studi virgiliani nel secolo XX*, Firenze, 1940, citada pelo autor. Com a mesma perspectiva, este trabalho de pesquisa sobre a «técnica» do hexâmetro das *Geórgicas* em confronto com o dos principais poetas da Idade Helenística é um interessante contributo para a apreciação formal desta obra do Mantuano.

Tomando como ponto de partida as três «leis de Meyer» que regulam o hexâmetro helenístico, Bonaria analisa a sua observância em Teócrito, nos *Hinos* de Calímaco, no poema de Arato, nos *Argonautica* de Apolónio de Rodas e nas *Geórgicas* de Virgílio e serve-se para tal das tabelas específicas para cada autor. A partir delas, tira as seguintes conclusões (*vide* p. 189):

- a) A I Lei de Meyer (o hexâmetro provido de cesura masculina tem também a cesura heftemimere ou a diérese bucólica, com o quarto pé dáctilo, ou ainda ambas ao mesmo tempo) é observada pelos quatro poetas helenísticos com uma percentagem superior a 90% e por Virgílio nas *Geórgicas*, com uma percentagem que ronda 94% dos casos.
- b) A II lei de Meyer (no hexâmetro, deve evitar-se a palavra iâmbica em cavalgamento entre o segundo e o terceiro pés) é seguida pelos poetas helenísticos estudados com uma percentagem superior a 90% e, na obra de Virgílio,

com uma percentagem de 71%, bastante elevada para deixar pensar que ele a não ignorasse mas suficientemente baixa para fazer acreditar que a não tenha querido observar com o rigor dos poetas helenísticos.

- c) A III lei de Meyer (a palavra que começa antes do início do segundo dáctilo não pode terminar com a primeira sílaba breve do segundo dáctilo) é aplicada pelos quatro poetas helenísticos com uma percentagem superior a 96% e por Virgílio nas *Geórgicas* com uma percentagem de 83%, o que faz pensar que a tenha querido observar, mas também, neste caso, com menor rigor que os poetas helenísticos.

Por fim, o autor apresenta 286 notas em que se registam os números dos versos das várias obras dos autores estudados, apenas enumerados nas tabelas, o que torna este trabalho, apesar da sua aridez numérica, um auxiliar valioso para o estudo dos aspectos formais, quer dos poetas helenísticos gregos, quer também da obra mais perfeita do grande poeta romano e universal que foi Virgílio.

NAIR DE NAZARÉ CASTRO SOARES

M. TVLLIVS CICERO, **Oratio pro Q. Roscio Comoedo**. Edidit JERZY AXER. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, fasc. 9, Leipzig, Teubner, 1976, XVI-20 pp.

A *Oratio pro Q. Roscio Comoedo* foi-nos transmitida, juntamente com outros discursos ciceronianos, através de um velho códice mutilado e lacunoso que Poggio encontrara e em 1417 trouxera da legação suíça para Itália.

O texto chegou até nós incompleto: apenas a divisão e um fragmento da confirmação; perdeu-se o exórdio, a narração e a peroração. Essa mutilação e as dificuldades que se sentem em reconstituir e precisar as diversas fases de um litígio que se arrastava há três anos, altura em que foi sujeito ao parecer de um árbitro, não impedem o leitor de apreciar como Cícero defende, com toda a veemência e ardor, o célebre e popular comediante Róscio, seu amigo íntimo. Apesar de se tratar de uma obra da juventude (76 a.C. provavelmente), o orador mostra-se hábil na condução dos argumentos, por vezes mais de ordem ética do que jurídica, tocando mesmo o pitoresco e a caricatura (*vide e.g.* VII, 20).

Cinquenta e quatro anos volvidos sobre a última edição teubneriana deste discurso, J. Axer apresenta uma nova edição crítica que, segundo afirma (cf. p. IX), difere em cerca de setenta passos da edição anterior (A. Klotz, 1922). A preocupação de rigor que caracteriza as edições saídas nesta colecção pode avaliar-se na presente pelo número avultado de códices e edições críticas mencionadas em aparato crítico (entre as consideradas, figuram quatro do século XV e onze do século XVI), para além dos estudos utilizados no estabelecimento do texto.

N. N. C. S.